

## EDITORIAL

Nos últimos cinquenta anos, as reflexões em torno da teoria e prática da tradução ampliaram sua atuação e abordagem, incorporando perspectivas que provocam rupturas com tendências estruturalistas, sobretudo as de herança positivista. Tais reflexões põem em xeque a crença de um sujeito neutro em relação às suas manifestações linguísticas, comprovando que o tradutor não pode impedir que seu contato com o texto seja contaminado pelas contingências de sua leitura. A tradução perturba, assim, o ideal de transparência e imparcialidade na língua, abalando o paradigma tradicional de representação como fidelidade. Nesse cenário, o campo da tradução cruza-se com todos os movimentos que de alguma forma se articulam com a ideia de agenciamento, de ideologia, de ética e de política, em seus sentidos amplos. Este número da *Litterata: Revista do Centro de Estudos Portugueses Hélio Simões* propõe fomentar a reflexão acerca das incorporações do sujeito e de sua leitura no processo de tradução, seja na perspectiva teórico-crítica, seja na formação de tradutores e de seus agenciamentos políticos.

A proposta de organização do volume apoia-se em três eixos. No primeiro, são consideradas a teoria e a prática da tradução em diferentes contextos culturais, compreendendo a tradução como elemento mediador e agenciador de representações socioculturais: o impacto da tradução na Bélgica do entreguerras, a formação de tradutores nas universidades brasileiras, a tradução de textos literários para língua de sinais e a atuação política de Carmen da Silva como mediadora cultural no contexto Brasil-Argentina.

O artigo “Mediadores Culturais na História Cultural: o que aprendemos ao estudarmos as complexas atividades de transferência dos mediadores na Bélgica do período entreguerras?”, de Reine Meylaerts, Maud Gonne, Tessa Lobbes e Diana Sanz Roig, tenta oferecer, na perspectiva da história cultural, uma visão sobre o impacto cultural da ação de mediadores bilíngues e monolíngues nas transferências artísticas e literárias em contextos multilinguais. Ao fazê-lo, enfatizam as relações e interações culturais, numa abordagem relacional que considera não só os produtos literários, mas também as atividades de transferência culturais a eles subjacentes, na Bélgica do período entre as duas grandes guerras mundiais.

Claudia Pungartnik e Zelina Beato, com “A universidade brasileira que gradua em tradução seria uma tradutaria?”, tomam em análise a formação do tradutor nos cursos universitários brasileiros. Indicando a dicotomia entre teoria e prática nos currículos de graduação, o artigo reflete sobre o papel secundário reservado às disciplinas teóricas, reflexo de um percurso formativo orientado ao mercado. O tradutor formado pela universidade brasileira seria assim uma espécie de artesão, destinado a manipular com maestria os instrumentos da tradução, sem que tal habilidade técnica seja acompanhada por uma adequada reflexão teórica, fundamental para a produção de consciência acerca da ética e da responsabilidade autorais.

Fundamentando-se teoricamente em Albir (2008), Albres (2014; 2015), Liddel (1996) e Quadros (2011), o artigo “Tradução, inclusão literária e surdez: reflexões a partir da tradução do conto ‘Vestida de preto’ do português para a libras”, de Denise Almeida Silva e Elis Gorett da Silveira Lemos, traz uma instigante reflexão sobre a tradução das línguas verbais para as visuais. Como exemplo da complexidade de tal processo tradutório, as autoras tomam a tradução do conto “Vestida de Preto”, do Português para a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), focalizando o uso do espaço pelo tradutor como parte das estratégias de tradução. Entendendo esta última como transposição cultural e dedicando atenção às questões que envolvem as relações entre língua, identidade e inclusão/exclusão literária, o artigo propõe a tradução multimodal e multissemiótica como possibilidade eficaz para a compreensão literária por parte da comunidade surda que tem no português uma segunda língua.

“Tradução em Carmen da Silva: um ato político”, de Maristela Rodrigues Lopes, aborda a complexidade do ato tradutório, destrelando-o das noções de transferência ou fidelidade através do aporte teórico de Marli Piva Monteiro (2005), Rosemary Arrojo (2007), Octavio Paz (2009) e Laplatine e Nouss (s/d). Ao considerar a autotradução do romance *Setiembre*, de Carmem Silva, a autora joga luzes sobre a atividade literária e tradutória de uma das precursoras do feminismo no Brasil, apontando para o seu engajamento político, bem como para o seu papel de mediadora cultural.

No segundo eixo que sustenta o volume, os textos proporcionam o encontro entre teoria e prática de tradução com a literatura, evidenciando de que forma as representações

culturais são construídas na interação entre os contextos de partida e de chegada e seus sistemas literários.

Em “*Carne viva: a estreia literária de Mario Soldati em Portugal*”, Vanessa Castagna analisa a primeira tradução para a língua portuguesa do romance *Le lettere da Capri*, de Mario Soldati, publicado em Portugal nos anos 1950. Valendo-se dos estudos descritivos da tradução de Gideon Toury, a pesquisadora procura compreender as normas implícitas que orientavam as expectativas perante uma tradução literária, em pleno Estado Novo, observando a estreita adesão do tradutor ao sistema cultural do regime salazarista.

O tradutor Bruno Gambarotto, em “Melville reconstituído: fontes textuais e elaboração literária na tradução de *Jaqueta-branca, ou o mundo em um navio-de-guerra*, de Herman Melville”, confronta as categorias de autoria e texto, tomando em consideração a sua tradução para o português do citado romance, a ser lançado pela editora Jorge Zahar. Gambarotto examina o vocabulário náutico que Melville incorpora ao texto literário, indicando as fontes em língua portuguesa nas quais, por sua vez, se apoiou para reconstruir a autoridade do marujo narrador do romance, delineando, assim, a operação textual que faz parte da prática da atividade tradutória.

A tradução poética é também o tema de “O prólogo de Pérsio como profissão de fé”, em que Marihá Barbosa e Castro e Leni Ribeiro Leite, que traduzem, do latim para o português, o prólogo das *Saturae* de Aulo Pérsio Flaco. Para embasar as escolhas tradutórias, as autoras tecem considerações acerca do estilo obscuro e conciso do autor, demonstrando as relações do poema com a tradição da sátira romana e da invectiva grega.

João Ricardo da Silva Meireles, em “Questões sobre tradução: o mundo *do Pequeno príncipe e do Menino do dedo verde*, nos originais e nas traduções de Dom Marcos Barbosa e Ferreira Gullar”, faz um estudo das traduções para o português de duas obras da literatura francesa que se tornaram canônicas para o público infantojuvenil brasileiro. Apoiando-se na estética da recepção e em textos de Ronai (2011, 2012) e Brito (2012) sobre a tradução literária, o autor discute as expectativas respondidas pelas traduções, que dizem mais sobre os horizontes culturais dos tradutores do que, propriamente, sobre os dos textos de partida.

Sintetizando a tecitura teórica proposta, os textos do terceiro eixo trazem a reflexão para a perspectiva da linguagem sempre protagonista no campo das representações em que

o sujeito construindo significações e representações promove a sobrevivência dos textos nas línguas e seus contextos literários e culturais.

“El poeta traductor: Davide Rondoni”, de Alessandra Pelizzaro, reflete sobre a dupla condição de autor e tradutor de um reconhecido poeta italiano da contemporaneidade. Valendo-se de um dispositivo que confronta Benjamin, Derrida e Ricoeur, a autora focaliza o pensamento de Rondoni acerca do ato de traduzir, indicando suas semelhanças com o processo da criação artística e a sua condição de ato de sobrevivência, manifesto através da linguagem.

Élida Paulina Ferreira e Fábio Pereira da Silva, com “Desconstruindo a linguagem da/na tradição: um novo olhar para a tradução”, problematizam a noção da linguagem como representação do real, reafirmando a impossibilidade de considerar a tradução como ato de reprodução fidedigna de outro texto ou de passagem de uma língua para outra. De viés derridiano, o artigo condensa reflexões teóricas acerca da desconstrução do edifício saussuriano – baseado na arbitrariedade do signo –, apontando para a ideia de tradução como construção de significados que não são idênticos nas línguas de partida e de chegada, mas que, ao contrário, exprimem a complexidade dos contextos de produção e recepção de uma obra. Supera-se, assim, a concepção da tradução enquanto ato circunscrito a um domínio formal, em que estruturas gramáticas e conjuntos léxicos seriam facilmente transferíveis de um código para outro.

Concluindo o volume, na Seção Vária, o artigo de Amanda R. dos Santos Lourenço, Yasmin C. S. da Silva Alves e Henrique Marques Samyn. O trabalho, intitulado “(Revisitando) o amor e o erotismo na obra poética de Florbela Espanca”, seleciona alguns dos mais conhecidos poemas da autora para neles explorar a multiplicidade dos significados de amor e erotismo, discutindo, também, questões de emancipação feminina que subjazem à obra da poetisa portuguesa.

*As organizadoras*